

Fitossociologia de um fragmento de Mata Atlântica no Parque Municipal da Fonte Grande, Vitória, ES, Brasil.

DAN, Maurício Lima^{1,3}; **ALBUQUERQUE, Juliana Oliveira**^{1,3}; **SONEGHET, Gabriel Pitanga**^{1,3}; **SILVA, Priscila Albertasse Dutra da**^{1,3}; **THOMAZ, Luciana Dias**^{1,3}. 1 graduando; 2 docente; 3 Departamento de Ciências Biológicas, UFES. (mauriciodan@ig.com.br)

Introdução

A Mata Atlântica e seus ecossistemas associados cobriam, à época do descobrimento, 1.360.000km². Atualmente, apenas 8% da área do bioma preserva suas características bióticas originais. Apesar da devastação a que foi submetido, abriga ainda altíssimos níveis de riqueza biológica e de endemismos, como é exemplo o recorde mundial de diversidade de plantas lenhosas encontradas – 458 espécies – em um único hectare no sul da Bahia (Ministério do Meio Ambiente, *et al*, 2000). Estimativas da Fundação SOS Mata Atlântica & Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (2002) dão conta que o Estado do Espírito Santo, cujo território abrange 4.618.397 ha, possuía na época do descobrimento uma cobertura florestal dos domínios da Mata Atlântica de 100%. Ainda de acordo com Fundação SOS Mata Atlântica & INPE, 2002, o confronto de imagens de satélite tomadas em 1995 e 2000 mostra que restavam em 2000 cerca de 1.398.435 ha de florestas, correspondendo a 30,43% da superfície do Estado (incluindo-se aqui florestas primárias, secundárias e cabucas). Assim, segundo Schäffer & Prochnow (2002) em função das poucas áreas remanescentes de florestas primárias na Mata Atlântica, as florestas secundárias exercem atualmente algumas funções ou serviços ambientais cruciais no equilíbrio do clima, no sequestro de carbono, na manutenção dos mananciais de água que abastecem as cidades, no controle de pragas e doenças na agricultura e na manutenção e sobrevivência das muitas espécies da flora e da fauna. Porém, infelizmente, até hoje pouco se estudou e pouco se conhece sobre o potencial das florestas secundárias. Desta forma, mediante a necessidade de pesquisas em áreas remanescentes de Mata Atlântica, optou-se por analisar estruturalmente a vegetação do fragmento localizado no Parque Municipal da Fonte Grande, Vitória, ES, uma floresta urbana em processo de regeneração natural e sujeita a impactos antrópicos.

Objetivo

Desenvolver estudos fitossociológicos e estruturais no Parque Municipal da Fonte Grande, Vitória, ES.

Material e Métodos

Para a análise estrutural da vegetação, utilizou-se o Método de Parcelas (Mueller-Dombois & ElleMBERG, 1974). Foram alocadas 50 parcelas contíguas de 10x10 m, totalizando uma área de 5000 metros quadrados (0,5 hectare). Nas parcelas foram amostrados todos os indivíduos com PAP (perímetro à altura do peito) ≥ 10 cm, inclusive os mortos, excetuando-se os indivíduos que perfilharam acima do solo e abaixo da altura do peito (1,30m). Nesta condição foi utilizado o seguinte critério: o indivíduo foi incluído quando pelo menos uma das ramificações atendia ao critério de inclusão, sendo então o PAP das outras ramificações utilizado para cálculos da área basal. Os parâmetros fitossociológicos, para espécies e famílias, foram obtidos através do programa FITOPAC (Shepherd, 1995).

Resultados

A amostragem total foi de 1110 indivíduos em 0,5 ha, sendo levantadas 84 espécies, com uma área basal total de 16,643 m², correspondendo a 33,286 m²/ha. O volume total da área amostrada foi de 245,33 m³ e a frequência total de 1280,00. As espécies apresentaram um diâmetro mínimo de 3,18 cm, diâmetro médio de 9,48 cm e máximo de 94,86. A altura máxima para as espécies foi de 28 m, a altura média de 6,75 m e a mínima de 1,60 m. Foram amostradas 35 famílias, dentre as quais destacam-se com o maior valor de cobertura: Phytolaccaceae (40,64), Lauraceae (24,15), Rubiaceae (23,35), Caesalpiniaceae (11,44), Fabaceae (11,14), Meliaceae (11,01), Mimosaceae (9,91), Sapotaceae (8,25), Bignoniaceae (6,82), Flacourtiaceae (6,72) e Apocynaceae (6,43). Deve-se ressaltar que Phytolaccaceae e Lauraceae foram representadas por apenas uma espécie cada. Os dez maiores valores de importância (VI's) estão distribuídos entre as seguintes espécies: *Gallesia integrifolia* (46,42), *Aiouea cf. saligna*. (30,87), *Bauhinia* sp. (15,73), *Rudgea* aff. *cornifolia* (12,78), *Casearia sylvestris* (10,77), *Guarea guidonea* (8,67), *Tabernaemontana laeta* (8,15), árvores mortas (8,12), *Paraptadenia pterosperma* (7,79), *Sparatosperma leucanthum* (7,22). Das espécies contidas neste levantamento ressalta-se que três delas são exóticas: *Coffea robusta*, *Citrus* sp. e *Artocarpus heterophyllus*. Tal situação é resultado das intervenções antrópicas sofridas pela área no passado. No entanto a presença destas espécies parece não ter uma grande influência na floresta pois, seus VIs são pequenos, apresentam poucos representantes e não foram encontrados indivíduos regenerantes. 11,9% das espécies

estão representadas por dois ou três indivíduos e 28,57% por apenas um indivíduo. É importante destacar que árvores mortas também aparecem entre os maiores valores de VI, assumindo a oitava posição. Dentre os indivíduos amostrados 2,43% são mortos em pé. O índice de diversidade de Shannon-Weaver (H') para espécies foi de 3,586 nats.indiv.⁻¹ e para famílias de 2,736 nats.indiv.⁻¹. Existe a predominância de pequenos diâmetros neste trabalho, que podem ser relacionados à grande presença de espécies características de sub-bosque e ainda revelar uma grande quantidade de indivíduos jovens, demonstrando que o fragmento estudado está se regenerando.

Conclusão

O fragmento estudado, apesar dos impactos a que foi submetido, apresenta ainda uma elevada diversidade específica e por isso devem-se aumentar os esforços para sua preservação.

Referência Bibliográfica

FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA; INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS. **Atlas dos remanescentes florestais da Mata Atlântica no período de 1995-2000**: relatório final. São Paulo: Fundação SOS Mata Atlântica; INPE, 2002.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE et al. **Avaliação e Ações Prioritárias para a Conservação da Biodiversidade da Mata Atlântica e Campos Sulinos**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2000.

MUELLER-DOMBOIS, D. & ELLEMBERG, H. **Aims and methods of vegetation ecology**. John Wiley & Sons, New York. 1974.

SCHÄFFER, W. B. & PROCHNOW. **A Mata Atlântica e você**: como preservar, recuperar e se beneficiar da mais ameaçada floresta brasileira. Brasília: APREMAVI, 2002.

SHEPHERD, G.J. **FITOPAC 1: manual do usuário**. Campinas: UNICAMP, Departamento de Botânica, 1995.

(Instituição financiadora: Fundo de Apoio a Ciência e a Tecnologia do Município de Vitória – FACITEC)